

“A proposta é fazer da escola o centro cultural mais importante da comunidade”

ENTREVISTA

Para a diretora de Ciência e Técnica do Ministério de Educação de Cuba, Eva Escalona, a participação de estudantes e famílias na definição de políticas educativas tem garantido os crescentes avanços na qualidade da educação do país

Fabiola Ferreira
de San José (Costa Rica)

ENQUANTO o Brasil ainda tem como meta destinar 10% do PIB à Educação só em 2024 (em 2014, esse percentual foi de 5,8%), Cuba investe 12,3% na área.

Isso posto, é possível entender melhor o que a diretora de Ciência e Técnica do Ministério de Educação de Cuba, Eva Escalona, diz quanto ao fato de, em Cuba, a escola ser considerada um grande centro cultural, em que se valorizam as relações da educação com a realização de trabalho comunitário, orientação vocacional e diversas formas de expressão artística.

Na entrevista a seguir, concedida em agosto do ano passado durante o “II Seminário Regional Educação Secundária em América Latina e Caribe”, realizado na Costa Rica pela Campanha Latino-Americana pelo Direito à Educação (Clade) e Unicef, em aliança com IIPe Unesco Buenos Aires, Orealc/Unesco Santiago e CEPAL, Eva discorre sobre a eficiência do sistema educacional cubano.

Brasil de Fato – A educação cubana é reconhecida como uma das melhores do mundo. A que você atribui o êxito do sistema educativo do país?

Eva Escalona – Desde a Revolução, o país tem passado por diversas mudanças a favor da realização dos direitos sociais, especialmente em relação à educação. Nesse campo, destaco acima de tudo a nossa campanha de alfabetização, que deu a todas e a todos a oportunidade de se incorporar ao sistema nacional de educação. No caso particular do ensino secundário básico [etapa que equivaleria ao chamado ensino fundamental no Brasil], contamos com 1.066 escolas, 42 mil docentes que trabalham nesses centros e a matrícula de aproximadamente mais de 300 mil estudantes. Nesses espaços nos propusemos a converter a escola no centro cultural mais importante da comunidade. O que isso quer dizer? Quer dizer que aspiramos a uma escola que, além de alcançar o aprendizado das e dos estudantes, envolva a comunidade, contando com instituições que cercam o centro educativo e, principalmente, as famílias. Para nós, é muito importante o papel que a família desempenha. Então, fazemos tudo girar em torno disso. Ou seja, trabalhamos para que a escola ofereça uma educação de qualidade, mas que, ao mesmo tempo, desenvolva cultura por meio da oferta de uma formação integral. Por exemplo, no ensino secundário básico, no sétimo grau, temos um programa de educação artística, em que as meninas e os meninos entram em contato com o ensino de diferentes manifestações artísticas. A partir do oitavo ano, realizam-se oficinas de acordo com as possibilidades de cada jovem, que abordam o teatro, a dança, a música e as artes plásticas. Isso faz com que, na própria escola, sejam desenvolvidos grupos culturais que atuam não apenas na escola, mas também na comunidade. Para realizar esse trabalho, contamos com instrutoras e instrutores de arte, que atuam ao lado das professoras e professores nas escolas. Além disso, quando falamos em comunidade, falamos também das mães e dos pais, da família. Essa escola, que queremos transformar no centro cultural mais importante da comunidade, tem que escutar os pais e as mães, assim como as/os adolescentes e jovens.

Como acontece a participação de adolescentes e jovens na tomada de decisões sobre a educação cubana?

Nas nossas escolas, os jovens são ouvidos a partir da representação que possuem em cada uma das salas de aula, e em cada um dos órgãos de direção da escola. Além disso, participam em nível nacional do Ministério da Educação, no âmbito do Conselho Nacional e em congressos nos quais as preocupações da juventude são ouvidas; e a partir delas se estabelecem acordos que deverão ser seguidos pelas autoridades. As reuniões nos conselhos de direção da escola es-



Fotos: Arquivo Pessoal

Nas escolas cubanas, a educação está relacionada com trabalhos comunitários e a expressão artística

Em Cuba, são
300 mil
docentes para uma população de
11 milhões
de habitantes

tão abertas à participação das organizações estudantis. E ali não se tem a simples presença desses jovens, mas sim, tomam-se em conta os critérios por eles apresentados sobre a educação que recebem e as mudanças necessárias. Assim, os estudantes se envolvem na solução dos problemas da escola. Não se trata simplesmente de que o jovem critique a educação que recebe, mas que também ele depois se envolva na solução do problema que tenha apresentado. Creio que isso é muito importante. Nós ainda não estamos totalmente satisfeitos, mas temos muito boas expectativas a respeito, pois a própria organização da sociedade cubana nos permite agir dessa forma. Suas instituições estão comprometidas com a escola, e o que queremos é que os jovens não estejam de fora criticando a escola, mas sim que participem e se sintam parte de todos os processos.

Há quem afirme ser mais difícil aplicar a educação integral ao ensino médio em comparação com a educação básica, porque a adolescência e a juventude têm trajetórias muito diversas, permeadas por trabalho e outras obrigações e/ou interesses que impedem as/os jovens e adolescentes de estarem integralmente na escola. Como funciona a educação integral cubana e até que ponto ela se aplica a essa etapa educativa?

Os adolescentes e jovens do ensino médio estão numa idade complexa. No entanto, as oficinas que realizamos nessa etapa se dedicam a que o jovem possa se incorporar a essas atividades, e tenha um papel protagonista. Também como parte dessa educação integral de que falamos, prevemos a realização de algumas atividades fora da escola, como por exemplo, visitas a museus, a lugares históricos de Cuba e a outros locais que guardem relação com o meio ambiente ou em que os adolescentes e jovens possam participar de atividades extraescolares, sem que necessitem ficar o tempo todo na escola. Queremos que os adolescentes e jovens queiram ir à escola. Por isso, essa tem que ser um lugar atrativo para eles. Nesse sentido, falamos de uma educação integral e de uma formação também para o trabalho. Desenvolvemos círculos de interesse e orientação vocacional. Temos atividades produtivas e queremos desenvolver nossos adolescentes e jovens para que tenham uma mentalidade de produtor e não somente de consumidor. Isso é importante. Em nossas escolas, temos hortas em que os estudantes podem trabalhar e também utilizamos áreas próximas dos centros educativos, onde também estudantes podem se vincular ao trabalho agrícola ou a outro tipo de trabalho produtivo. Valorizamos também o esporte. Vemos tudo integralmente, como parte da educação: o esporte, a cultura, o trabalho, sempre dando prioridade ao conhecimento, para que os estudantes aprendam com qualidade.

Em sua opinião, que condições permitem que a escola cubana seja considerada um espaço democrático?

A participação dos estudantes na escola cubana é sistemática. Nós, por exemplo, desenvolvemos um processo de avaliação dos estudantes da secundária básica [ensino fundamental], e essa avaliação é também integral. Isso porque não busca medir somente o conhecimento que um jovem adquire, mas também a maneira com que esse jovem se desenvolve em todas as atividades. As escolas contam com espaço para a realização de reuniões dirigidas pelos próprios jovens e suas organizações, em que eles podem analisar a educação que recebem e compartilhar preocupações. Depois, essas inquietudes vão sendo transmitidas aos professores e aos diretivos escolares. No caso da secundária básica, os estudantes se articulam em uma organização chamada “Organización de Pioneros José Martí”. Ali, eles têm criado destacamentos por grupo e contam com um chefe que representa toda a escola. Dessa maneira, realizam atividades a partir da organização e nas escolas. Mas, tudo se realiza de maneira integral, como um sistema integrado à instituição educativa.

“Não se trata simplesmente de que o jovem critique a educação que recebe, mas que também ele depois se envolva na solução do problema que tenha apresentado”

Apesar dos avanços, ainda há desafios para a realização do direito humano à educação em Cuba? Caso sim, quais são eles?

Temos também nossos desafios. O primeiro deles é elevar a qualidade da educação, além de aumentar a qualidade da formação docente. Ou seja, nós ainda não estamos satisfeitos com a formação docente que temos, principalmente na secundária básica. No caso da educação primária, buscamos alternativas, como garantir a formação superior das professoras e dos professores dessa etapa, em escolas pedagógicas. Mas, no caso de professores de secundária básica e pré-universitária [respectivamente, ensinos fundamental e médio], os docentes são formados em nossas universidades de ciências pedagógicas e ainda não conseguimos cumprir totalmente nossos planos de ingresso a essas instituições, de acordo com as necessidades do país. Hoje, nenhuma criança, adolescente ou jovem fica sem receber aulas, mas o fazemos com diferentes alternativas. Ainda assim, a pessoa adequada para oferecer aquela formação nem sempre se encontra nos centros educativos. Portanto, temos que responder a essa necessidade de cobertura, e para isso o país tem realizado grandes esforços com o objetivo de dignificar o papel docente. Quando falamos de Cuba, falamos de 300 mil docentes numa população de cerca de 11 milhões de habitantes. Os docentes são uma massa significativa do ponto de vista laboral.

Na maioria dos países de América Latina e Caribe, observa-se um grande contraste entre a falta de democracia na sociedade e a busca por estabelecer relações democráticas dentro das escolas. No contexto cubano, como você os níveis de realização da democracia nesses dois espaços?

Nós buscamos, a partir da escola, que crianças, adolescentes e jovens tenham liberdade de expressão e sintam que vivem numa democracia, para que depois possam refletir essa forma de pensar na sociedade. Em nosso país, realiza-

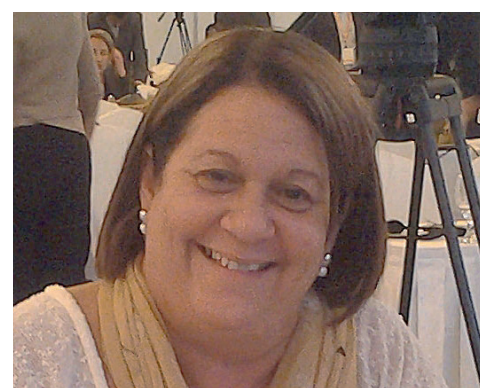
mos eleições para o poder popular e temos rendições de conta sistemáticas, em que contamos com a participação de toda a sociedade. Aspiramos a que o menino e a menina estejam na escola e vivenciem a democracia no centro educativo para poder reproduzi-la e transmiti-la à sociedade. Insistimos que, se queremos alcançar a democracia a que aspiramos, primeiramente, devemos ter todas as crianças, adolescentes e jovens na escola, depois, ter democracia dentro das escolas, e também garanti-la na sociedade. No entanto, em alguns contextos, sim, é difícil conseguir que haja democracia na escola, enquanto não ocorra uma mudança na sociedade. Apesar do preconceito que se tem em relação ao sistema cubano, Cuba é um país democrático com uma sociedade democrática, e que logicamente precisa continuar se aperfeiçoando. No entanto, nós cubanas e cubanos temos hoje a possibilidade de externar nossas opiniões. Defendemos que todas e todos tenham voz, e isso estamos fazendo com mães e pais, docentes e estudantes nas escolas de Cuba.

De que modo o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos a Cuba tem influenciado a educação no país?

Há mais de 50 anos, estamos submetidos a um bloqueio econômico e isso nos tem limitado muito do ponto de vista material, por exemplo, em relação à aquisição de alguns recursos para nossas escolas, especialmente recursos de acessibilidade para meninas e meninos com necessidades especiais. São muito custosas, por exemplo, as máquinas braile para estudantes cegos/os, pois temos que trazê-las de muito longe, mas ainda assim conseguimos comprá-las, e o Estado investe grande quantidade de dinheiro para que se alcance o mínimo de condições. Mas, logicamente o embargo nos afetou. Neste momento, apesar das limitações que temos em relação às novas tecnologias, fomos nos introduzindo aos poucos nas redes sociais e, por essa via, nossos jovens estão externando a maneira como se pensa em Cuba e como se vive em nosso país.

O embargo econômico estadunidense alcança também o acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, que são criações de empresas desse país? Caso sim, de que maneira o povo cubano tem superado essa dificuldade em relação à educação?

Nossa limitação não se refere apenas aos equipamentos de que não dispomos. Apesar das limitações financeiras, dotamos nossas escolas com quantidade considerável de computadores. O que acontece é que as tecnologias avançam muito rápido e não podemos estar sistematicamente atualizando os equipamentos nas mais de 10 mil escolas existentes no país. Por outro lado, está o tema da conexão à internet. Temos um número muito pequeno de escolas que estão conectadas diretamente à internet hoje em dia, pois existem limitações na própria qualidade da conexão. Se olharmos Cuba no mapa, ao redor do país, observam-se muitos cabos, muitas linhas de conexão, mas Cuba não tem acesso a elas porque são canais fundamentalmente estadunidenses. Então, estamos limitados. Nosso país faz um grande esforço para que docentes e estudantes das universidades tenham acesso à internet, e já se instalaram alguns pontos de acesso para que a população em geral possa ter acesso à rede. Aos poucos, a telefonia móvel e o correio eletrônico também vão se incorporando ao país, coisa que ainda não tínhamos. De uma população de 11 milhões de pessoas, somente cerca de 2 milhões têm acesso à telefonia móvel no país [dados de agosto de 2014]. Não temos os equipamentos tecnológicos mais avançados, mas estamos sempre buscando alternativas. Uma delas tem sido o desenvolvimento da produção de softwares livres. Temos softwares educativos muito bons, que são dedicados a diversas etapas educativas. A partir deles, realizamos, por exemplo, visitas virtuais a museus, o que é muito interessante para um jovem de Havana que não tem possibilidades de ser mover até a região oriental do país.



A diretora do Ministério de Educação, Eva Escalona